

Quem não tem IRA caça com BEA?

Macron apelou a um Buy European Act (BEA), uma espécie de "Europa Primeiro", uma resposta à forma como os EUA, mas também a China, protegem/financiam as suas indústrias.

Jorge Botelho Moniz | Público | 30 de janeiro de 2023

Onde estava o leitor a 16 de agosto de 2022? Entretido com a Volta a Portugal ou com os passeios convidativos da época estival? Não diga que perdeu a promulgação do Inflation Reduction Act (IRA) pelo Presidente dos Estados Unidos da América (EUA). Se perdeu, não se sinta culpado, a União Europeia (UE) também perdeu. Mas não nos apressemos a censurá-la. Este é só o maior investimento em segurança energética e a legislação sobre transição climática mais significativa da história americana. São quase 355 mil milhões de euros para financiar energia verde e conceder créditos fiscais. O IRA equivale a quase ano e meio do PIB português ou a cerca de 1800 Cristianos Ronaldos contratados pelo Al-Nassr.

Por que razão havia o leitor de se importar com isto? Deixe-me tentar explicar. O IRA significa um novo ímpeto protecionista da economia norte-americana (algo que a UE achava, ou desejava, ultrapassado após a Administração Trump) que favorece a tecnologia climática de fabrico americano (ex.: veículos elétricos, baterias ou semicondutores). Para combater esta deriva, o Presidente francês, Emmanuel Macron, apelou a um Buy European Act (BEA), uma espécie de "Europa Primeiro". Ou seja, uma resposta à forma como os EUA, mas também a China, protegem/financiam as suas indústrias.

Os líderes europeus declararam publicamente a sua preocupação. No entanto, para a Administração Biden, não parece haver marcha-atrás na política "América Primeiro". Aliás, nos EUA nem se entende a vozaria dos europeus. Um senador norte-americano presente no Fórum Económico Mundial 2023, em Davos, repetiu que o IRA foi concebido para fortalecer os EUA, e não para prejudicar a Europa. Que, pelo contrário, o IRA serve para ajudar os aliados e amigos europeus neste momento de necessidade. Tem sido essa a narrativa.

Difícilmente a UE gozará de isenções significativas ao IRA para proteger a sua indústria, em especial a automóvel, de práticas de concorrência desleal. Difícilmente a UE se assumirá, como pretendia há já tantos anos, como precursora de uma das maiores transições industriais – verde e digital – da história. Muito menos agora, com guerra em solo europeu, com preços de energia tão altos e com a reinterpretção do ideal de mercado livre transatlântico.

Não me interpretem mal, a responsabilidade principal é e será sempre da UE. De um lado, por conta das diferentes visões sobre o próximo passo a dar: protecionismo por

meio de um BEA, Fundo Industrial da UE ou maior margem de manobra – *leeway* [afastamento do rumo traçado], no jargão de Bruxelas – para os auxílios estatais? De outro lado, a própria forma como esses auxílios têm sido concedidos. Relembre-se que, em 2022, França e Alemanha garantiram quase 80% dos subsídios do quadro temporário de crise. A fórmula é simples: os Estados com os "bolsos mais fundos" têm mais capacidade de financiar os setores estratégicos da sua economia.

Sem regras definidas e minimamente equilibradas, os europeus arriscam-se a transformar o seu mercado comum numa "selva", por oposição ao "jardim europeu" idealizado pelo alto representante Josep Borrell. Se o BEA ou uma alternativa ao BEA – um Plano Industrial para o Pacto Ecológico Europeu –, como apresentada em Davos pela presidente da Comissão Europeia, não tiver sucesso, arriscamo-nos a que este ano de celebração das três décadas do mercado comum (1993-2023) seja aquele em que a ideia de prosperidade económica, coesão regional e as regras de concorrência justa entre Estados-membros grandes e pequenos ficam "feridas de morte", como na visão do livro do Apocalipse (13:3).

Afinal, isto é mesmo relevante para nós? Sim, porque, com condições mais atrativas noutra local do mundo para a indústria (verde e digital) florescer e sem uma visão europeia conjunta e clara, podemos estar a assistir ao início da desindustrialização da UE – o fim do *made in Europe* – e ao começo do processo irreversível (?) de menorização da União na nova ordem internacional. Mas o que é que isto realmente importa se, no próximo 16 de agosto, a época estival continuar convidativa a passeios?

<https://www.publico.pt/2023/01/30/opiniao/opiniao/nao-ira-caca-bea-2035991>